

**AS TERRITORIALIDADES SOCIOCULTURAIS EDUCATIVAS: UM
ESTUDO DE CASO SOBRE EXPERIÊNCIAS DE BIBLIOTECAS
COMUNITÁRIAS**

Cintia Fabiola Mota Alves
Universidade do Vale do Paraíba
cintia.f.m.alves@gmail.com

Fabiana Felix do Amaral e Silva
Universidade do Vale do Paraíba
fabiana.amaral@gmail.com

Maria Aparecida Chaves Ribeiro Papali
Universidade do Vale do Paraíba
papali@univap.br

RESUMO: O artigo apresenta as bibliotecas comunitárias como espaço cultural, educacional e social e que tensiona as estruturas clássicas de equipamentos de cultura, que associados ao conhecimento erudito e letrado e à uma política assistencialista promovem ações díspares às realidades dos territórios. Como recorte de análise foi realizado um estudo netnográfico de algumas experiências de bibliotecas comunitárias vinculadas à Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias. Avalia-se que as ações das bibliotecas comunitárias em bairros periféricos têm promovido novas territorialidades socioculturais educativas que colocam em destaque a luta por direitos sociais e, sobretudo, a capacidade de legitimação de seus grupos ao produzir suas próprias percepções, políticas, sociais e culturais sobre e para a cidade.

Palavras-chave: bibliotecas comunitárias; territorialidades; ações socioculturais.

GT – “11”: “Práticas culturais na produção da cidade”

INTRODUÇÃO

Os equipamentos públicos de cultura, muitas vezes por apresentarem uma visão de ação assistencialista, não percebem as reais necessidades locais, tornando um problema clássico o distanciamento entre suas ações e as realidades dos territórios. Sabe-se que esse processo não acontece de forma homogênea com todos os equipamentos, algumas políticas públicas conseguem desempenhar o seu papel além do assistencialismo e atendem as necessidades da comunidade.

A biblioteca que hoje conhecemos passou por um processo gradativo de mudanças com o passar dos séculos. No início de sua história, as primeiras bibliotecas apresentavam um caráter particular, eram iniciativas de grupos específicos, como imperadores, reis e a própria Igreja, com um acervo que atendesse às suas necessidades (MILANESI, 1983).

A partir do século XV, as bibliotecas modificam sua estrutura e natureza, e passam a ser extremamente relevantes a partir da invenção da imprensa de Gutenberg (SERRAI, 1975). As bibliotecas deixam de ser administradas por religiosos e aos poucos tornam-se locais públicos, de fácil acesso e, se propaga pelo mundo (BURKE, 2003).

As grandes revoluções sociais que aconteceram no século XX contribuíram para mudanças na área social, incluindo as bibliotecas, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades [...]” (HALL, 2006, p. 9). Segundo Santa-Anna (2015) a revolução tecnológica e o *boom* na produção bibliográfica, agregaram no rompimento dos velhos paradigmas e proporcionando assim, novas concepções sobre o conhecimento, criando uma nova identidade para as bibliotecas na sociedade.

A realidade das bibliotecas públicas brasileiras tem, desde seu início, um caráter elitista, atendendo as necessidades de uma pequena parcela da população e excluindo os que realmente precisam dela. Ou seja, defende o caráter público, mas exclui a comunidade em geral, que acaba não reconhecendo a biblioteca e seu papel transformador na sociedade. Cavalcante (2016, p. 40) destaca:

para obter informação nessa sociedade marcada pela desigualdade, no qual o acesso à informação registrada em um país no qual o valor do livro é elevado, a biblioteca pública, pode ser esse espaço voltado para suprir essas necessidades informacionais da sociedade por ter um caráter educacional, cultural e social. No entanto, torna-se necessário que sejam bem equipadas com um acervo de qualidade e disponibilize recursos informacionais condizentes para suprir a necessidade da clientela assistida.

Segundo Suaiden (2000, p. 52) as bibliotecas geralmente eram “locais improvisados, acervo desatualizado e composto de doações, instalações precárias, carências de recursos humanos adequados”, o que evidencia a falta de investimento por parte dos governos para melhoria dos espaços e serviços prestados.

Outros elementos de relevância na análise da estrutura dos equipamentos públicos têm sido: uma perspectiva assistencialista em relação à cultura e à educação, assim como, a concentração de equipamentos culturais tais como teatro, museus, centros culturais em áreas centrais para grupos sociais privilegiados. Portanto, entende-se que o surgimento das bibliotecas comunitárias em regiões periféricas está associado ao quadro de exclusão que vivenciam pela ausência de equipamentos e políticas públicas de incentivo à cultura e à educação. Parte-se da percepção inicial que as experiências coletivas presentes nas bibliotecas comunitárias vão além da reivindicação do acesso à leitura e à informação ao promoverem um espaço de fortalecimento comunitário capaz de oferecer um entendimento das contrariedades desse território e as suas reais necessidades.

Segundo Machado e Vergueiro (2010, p. 6) a diferença entre a biblioteca pública e a comunitária é que a última é criada pela comunidade e não para ela, além de combater a

“exclusão informacional como forma de luta pela igualdade e justiça social; processo de articulação local e forte vínculo com a comunidade; a referência espacial: em geral, localizadas em regiões periféricas; e o fato de não serem instituições governamentais, ou vinculação direta aos Municípios, Estados ou Federação”.

O presente trabalho apresenta um estudo das experiências de bibliotecas comunitárias e analisa as ações e projetos destes equipamentos com o objetivo de avaliar as perspectivas de cultura presentes e o alcance de tais ações nos territórios.

Além da introdução e metodologia, o artigo apresenta mais três seções. A primeira traça um panorama do debate sobre cultura que coloca em destaque suas dimensões de diferença e totalidade. O segundo evidencia a indissociabilidade entre as dimensões da cultura e do território ao trazer a discussão sobre as territorialidades e as possibilidades de repensar o uso, ocupação e produção da cidade. A terceira e última contextualiza o surgimento das bibliotecas comunitárias e apresenta a análise netnográfica realizada sobre as práticas e ações de bibliotecas comunitárias e como as mesmas podem apresentar alternativas à ordem clássica de produção do espaço.

METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa, além do levantamento bibliográfico sobre cultura, território e territorialidades e o cenário das bibliotecas comunitárias no Brasil, fez-se uso de estudo netnográfico para levantar experiências de bibliotecas comunitárias, suas ações e projetos culturais desenvolvidos com as comunidades.

A netnografia não trata a comunicação do meio digital como conteúdo, mas sim como interações sociais, expressões com significados e artefatos culturais. Também é levando em consideração as características dos interlocutores, a linguagem, a história, os significados, as ações e, o tipo de interação entre os indivíduos (KOZINETS, 2010).

Como recorte de análise netnográfico foram selecionadas as experiências de bibliotecas comunitárias presentes em duas grandes redes de bibliotecas comunitárias; a Rede Mar de Leitores-Paraty- RJ e a Rede Jangada Literária- Fortaleza e São Gonçalo do Amarante-CE. Vale salientar que estas redes estão vinculadas a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC).

CULTURA COMO DIFERENÇA OU TOTALIDADE?

A cultura segundo Chauí (2006, p. 8) é a capacidade de decifrar as formas da produção social da memória e do esquecimento, das experiências e das ideias. É a esperança nacional de que essas experiências tenham um sentido de liberdade, de forma que surjam novas práticas sociais e políticas para a sociedade.

Na Declaração Universal da Diversidade Cultural, o conceito de cultura ganha outras dimensões, e passa a ser entendida como um patrimônio renovável em constante transformação e, que cada indivíduo identifica a pluralidade da sua própria identidade dentro da sociedade em que vive.

a cultura deve ser considerada como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças (UNESCO, 2002, p. 2).

Com o processo de autonomização da produção, as esferas de distribuição foram ampliadas e com ela veio a mercantilização e industrialização dos bens culturais e, seu acesso não aconteceu de forma igualitária na sociedade (ASSIS, 2010).

O significado de cultura é voltado para as formas simbólicas no modo de vida que a sociedade tem, focando principalmente a divisão social das classes entre o “culto” e o “inculto”. A cultura e a arte se diferenciam em dois tipos: a erudita (elite) e a popular, a primeira é própria dos intelectuais e artistas das classes dominantes e a segunda dos trabalhadores urbanos e rurais (CHAUÍ, 2006, p. 13). Seguindo o pensamento da autora, a cultura popular recebe o nome de folclore contando com ritos populares, danças, artesanatos, enquanto na arte voltada para a elite acontecem as produções e criações de belas-artes, onde muitas obras não são compreendidas imediatamente, sendo consumidas por pessoas com um grau de escolaridade elevado.

Há o interesse das classes sociais menos favorecidas pela literatura, música e arte, mas a ausência da produção do tipo de cultura se dá pela distância entre o intelectual e o povo, além de uma grande parte da população não possuir condições financeiras para consumi-la, ocasionando o não acesso a cultura e criando um novo tipo de exclusão (CHAUÍ, 2006; ASSIS, 2010).

Existe, também, uma visão de cultura popular que está relacionada além da artística, que é o “modo de conceber o mundo e a vida, em contraste com a sociedade oficial”, é a busca da coletividade, mesmo que em um primeiro momento ela não seja homogênea (CHAUÍ, 2006,

p. 18). Independente se é elitizada ou popular, a cultura retoma a criação de uma ordem simbólica da linguagem, do espaço, enfim de diversas esferas onde o homem atua.

A identidade cultural não acompanha o ser humano quando ele nasce, mas sim, da fusão dos diversos elementos do discurso cultural onde cada sujeito está inserido na sociedade. Segundo Hall (1997, p. 26) a identidade cultural é “o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionamos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem, ou que nós subjetivamos (dentro deles)”. O simbólico inserido em um referencial cultural permite ao sujeito construir a sua própria noção de identidade.

O contato do indivíduo com a cultura é indispensável para a produção coletiva dos significados e, percebe-se também, que memória e identidade são fundamentais para compreender as relações humanas (SILVEIRA, 2007).

De acordo com Brasil (2007), no âmbito dos estados democráticos, a cultura é representada como aquela que possibilita a cidadania e reforça o sentimento de pertencimento e, assim, permitindo que a inclusão social aconteça. Essa realidade ainda está longe de acontecer no Brasil, por conta da desigualdade social que vive o país, mas ele tem um potencial grande de viabilizar a cultura que alcance os excluídos (ASSIS, 2010).

Nas ambiências das políticas culturais é possível fomentar o debate entre as dimensões da cultura como diferença e como totalidade. A cultura como **diferença** apresenta concepções de cultura restritas às perspectivas tradicionais e excludentes, assim como, destinam os maiores investimentos a setores já privilegiados da sociedade. A dimensão da cultura como **totalidade** seria a que promove e incentiva a diversidade e interculturalidade presentes em diferentes experiências e garante uma capilaridade nos investimentos públicos de cultura.

Para uma cidade polarizada e carente de privilégios, propor uma política cultural exige de seus gestores decisões amplas que vão desde as prioridades, de planejamentos rigorosos de seus recursos, principalmente quando vivencia uma crise econômica, é preciso “garantir direitos existentes, criar novos direitos e desmontar privilégios” (CHAUÍ, 2006, p. 65).

A biblioteca deveria se configurar como uma das instituições fundamentais para a preservação dos elementos culturais e se posiciona como um lugar de cultura, caracterizando em um local de continuidade e de preservação da história e do conhecimento, além de proporcionar um espaço de transformação social que “interfere no meio cultural” por meio do “incentivo à educação e à leitura” (SILVEIRA, 2007, p. 63, 93).

Portanto, este estudo, pretende analisar o perfil de bibliotecas comunitárias integrantes da Rede de Bibliotecas: Mar de Leitores e Jangada Literária, que fazem parte da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias, apontando as ações/projetos desenvolvidos; o envolvimento da comunidade que a cerca e, também, a dimensão da perspectiva de cultura e de território.

TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES DA CULTURA

Ao viver em sociedade, o homem teve a necessidade de se adaptar às mudanças ocorridas desde a época em que vivia para sua sobrevivência (caça e plantar) até a contemporaneidade, que vão desde mudança comportamental, espacial e temporal. Precisou também se adaptar aos espaços geográficos que foram surgindo no seu dia-a-dia como locais de trabalho, a casa, locais públicos para as pessoas se encontrarem.

Assim, o território surge com conceito duplo na visão de Haesbaert (2004a), o território simbólico e o material. O território material está relacionado com o poder (dominação) e, o território simbólico se relaciona com a apropriação, carregando consigo as marcas do “vivido” (LEFEBVRE, 2006), observa que o território é múltiplo, ele é ao mesmo tempo diverso e complexo.

A flexibilidade do mundo pós-moderno favorece os grupos privilegiados, Haesbaert (2004a), ressalta que quem faz o usufruto da multiterritorialidade é a classe hegemônica, pois é um processo de “multilocalização”, a alternância e escolha dos lugares. A elite tem a acessibilidade geográfica ampliada, mantendo suas conexões físicas entre os múltiplos territórios e, escolhendo assim, os lugares de seu interesse, enquanto a outra parte da pirâmide social muitas vezes não tem nem um território para se abrigar (HAESBAERT, 2004b).

Pensando nos múltiplos territórios, Zambrano (2001 apud HAESBAERT, 2004a, p. 8), “reconhece a multiplicidade de territórios através dos movimentos sociais e das lutas travadas por diferentes grupos e instituições”.

E a partir do final do século XX, com as novas tecnologias informacionais nos deparamos com uma multiterritorialidade com um deslocamento não apenas físico e, sim, virtual, onde as pessoas interagem a distância e acaba influenciando e integrando a outros territórios (HAESBAERT, 2004b).

A pergunta que o autor Haesbaert (2004a), levanta é bem interessante, como esses movimentos coletivos, de resistência, conseguem se organizar nesse espaço que se encontram fragmentados e desarticulados? Pois a mudança que essa multiterritorialidade traz não é apenas quantitativa, mas também, qualitativa, onde se combina a intervenção e a vivência de diferentes territórios e experiências.

Para construir uma sociedade mais igualitária e que reconheça as diferenças multiculturais humanas é necessário pensar multiterritorialmente (HAESBAERT, 2004b).

O território, nas cidades, é tema central para a implantação de políticas públicas que “formam diferentes modelos de desenvolvimento que causam impactos socioterritoriais e criam formas de resistência” (FERNANDES, 2021, p. 4).

Souza (2001) aborda o território cultural por meio dos grupos sociais que desenvolvem relações de poder e criam, assim, territórios de conflitos pelas diferenças culturais. Para o autor, o território deve apresentar múltiplas vertentes com diferentes funções, principalmente nas grandes cidades.

As bibliotecas comunitárias como equipamentos culturais periféricos têm produzido novas territorialidades culturais e educacionais que tencionam a ordem hegemônica ao produzir novas percepções sobre os territórios em que vivem.

BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS COMO TERRITÓRIOS SOCIOPOLÍTICOS

A utilização das Tecnologias da informação e comunicação (TICs) tencionou as novas formas de produção e de consumo de cultura por parte das bibliotecas. Ocorrendo, assim, a troca de informações e um compartilhamento cultural entre o público e biblioteca, possibilitando a criação de conteúdos, serviços e produtos.

As bibliotecas modernas estão em constante mudanças e passando de um espaço tradicional para um ambiente informatizado/virtual (CUNHA, 2000). Para o autor o século XXI será o período de acesso à informação, ou seja, será o estágio da socialização caracterizado pelo compartilhamento. Tornando a biblioteca um local mais dinâmico e ativo, e de acordo com Martins (2002, p. 325), a biblioteca “desempenha um papel essencial na vida das comunidades modernas; é em torno dela que circulam todas as outras correntes da existência social”. É um

espaço diversificado, com produtos e serviços diferenciados para atender as necessidades da comunidade em seu entorno.

As bibliotecas públicas na contemporaneidade têm promovido ações sociais e culturais de inclusão e reconhecimento das diferentes expressões presentes nos territórios em que estão inseridas. As pessoas não deixam de utilizar o espaço, as atividades prestadas vão desde ações que incentivam a leitura, como a Hora do Conto; cursos de capacitação para as pessoas saberem operar computadores e celulares. Muitas delas têm equipamento para pessoas com deficiência. Algumas também vão para além do espaço físico em que a biblioteca está, são as famosas bibliotecas itinerantes que levam informação e cultura para quem não vai até ela. As bibliotecas dos dias de hoje são um espaço vivo (FREITAS, 2010).

Sabe-se que, no Brasil, a quantidade das Bibliotecas Públicas nas cidades não supre a necessidade da população e, a estrutura física muitas vezes são precárias, além de algumas bibliotecas estarem fechadas ou não disponibilizarem um acervo adequado à população. Assim, para ter acesso à leitura e à informação a população precisa se mobilizar, e como consequência surgem as bibliotecas comunitárias.

Bibliotecas comunitárias são espaços criados por iniciativas da comunidade visando atender às demandas da população local em suas necessidades informacionais e culturais (VASCONCELOS; SILVA; PEREIRA, 2004, p. 33).

Observa-se o surgimento de algumas experiências de bibliotecas comunitárias que segundo Madella (2010, p. 49) se caracterizam por "espaços indissociáveis do processo de inclusão e formação do cidadão leitor, ultrapassando a aquisição de informação e criando oportunidades para sua apropriação e ressignificação".

As bibliotecas comunitárias surgem "como um poder subversivo de um coletivo, uma forma de resistência contra-hegemônica, de quase enfrentamento social" (MACHADO; VERGUEIRO, 2010, p. 6). Visam trabalhar o empoderamento da comunidade, criando formas que possam colaborar no desenvolvimento social e auxiliando na formação do cidadão, por meio de práticas criativas, inovadoras e de inclusão.

Utilizando a técnica da netnografia (KOZINETS, 2010) foi possível realizar um levantamento digital com a finalidade de localizar bibliotecas comunitárias e, analisar os trabalhos realizados por elas junto às comunidades nos territórios em que atuam.

Como recorte inicial da análise elegeu-se a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC) que atualmente conta com 11 redes locais de bibliotecas que possuem ao todo 115 bibliotecas comunitárias localizadas nos estados de Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul fazem parte dessa rede e, visa desenvolver atividades socioeducativas e culturais e, assim, proporcionar uma transformação na vida das pessoas que utilizam esses espaços (REDE..., 2022a).

A articulação das redes de bibliotecas comunitárias teve sua origem, no ano de 2006, pelo incentivo do Programa Prazer em Ler, criado pelo Instituto C&A. Instituto esse que “mobilizou espaços de leituras mantidos por organizações sociais e culturais da sociedade civil, atuando na garantia de direitos básicos” (REDE..., 2022a). Mas foi no ano de 2015 que surgiu a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias, dando amplitude nacional à organização das bibliotecas comunitárias em redes locais e, desde então, vem contando com apoio e colaboração de importantes parceiros como Itaú Social (REDE..., 2022a).

A biblioteca comunitária cria conexões em um mesmo território visando garantir ao cidadão o direito humano à leitura; ao conhecimento; à cultura, por meio de trocas de experiências e de ações coletivas, com o objetivo de ser a base para a formação de leitores (REDE..., 2022a).

O perfil das bibliotecas comunitárias estudadas são, em sua maioria, bibliotecas localizadas em regiões periféricas; área de exclusão e de difícil acesso, com a presença de uma comunidade carente de equipamentos públicos e, de acordo com Machado e Vergueiro (2010) é um lugar onde as pessoas buscam um local que proporciona não somente empréstimo de livros, mas sim, um local de encontros.

Para melhor visualizar como as bibliotecas comunitárias atuam nos territórios em que estão inseridas, realizou-se um estudo netnográfico para levantar as ações e projetos desenvolvidos por esses equipamentos culturais e o envolvimento da comunidade.

Por ser uma rede com um número expressivo de bibliotecas comunitárias, foram selecionadas para analisar as atividades desenvolvidas duas redes: a Rede Mar de Leitores localizada na cidade de Paratí-RJ e, a Rede Jangada Literária que estão localizada em Fortaleza e uma em São Gonçalo do Amarante, no Ceará e, que fazem parte da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias.

A primeira rede a ser analisada foi a Rede Mar de Leitores, que é composta por 7 bibliotecas comunitárias, localizadas e distribuídas no território de Paraty, em áreas vulneráveis e excluídas socialmente, território que possui pouco ou nada de assistência do poder público, sendo muitas destas bibliotecas o único equipamento cultural que a comunidade tem acesso (REDE...2022b).

Ao fazer o levantamento da localização das bibliotecas no território, verificou-se bibliotecas inseridas em: Quilombo; Aldeia; Morro; Comunidade em bairro rural; e outras 2 localizadas em bairros periféricos da cidade. Segundo a Rede (2022b) são locais que não possuem escolas; equipamentos de lazer e, que recebem pouca assistência das autoridades locais.

De acordo com a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (2022b), o município de Paraty tem uma deficiência séria de acesso a instituições culturais e, em algumas regiões da cidade os munícipes não contam com energia elétrica e muito menos um equipamento público que oferecesse cultura para a população. A criação das bibliotecas comunitárias nesses bairros proporcionou à comunidade o contato com a cultura e a educação.

Segundo a Rede (2022b), o público alvo das bibliotecas da Rede Mar de Leitores é heterogêneo, englobando crianças, jovens, adultos, moradores das comunidades indígenas, quilombolas, caiçaras, entre outros.

As bibliotecas participantes da Rede Mar de Leitores desenvolvem diversas atividades sociais, educacionais e culturais com a comunidade que a cerca. A comunidade tem conhecimento sobre as atividades desenvolvidas indo pessoalmente às bibliotecas ou, por meio das mídias sociais: *Instagram* e *Facebook*. Assim, a partir de postagem publicadas nas mídias sociais de cada biblioteca foi possível realizar o levantamento das atividades desenvolvidas:

Além das atividades educacionais como clube do livro, contação de história, jogos lúdicos; oficinas de músicas e apoio de reforço escolar, as bibliotecas comunitárias da **Rede Mar de Leitores** oferecem uma educação diferenciada com atividades que desenvolve pensamento matemático e estratégico com jogos de tabuleiro e atividades na escola do bairro.

No quadro 1, apresentamos outras atividades desenvolvidas junto à comunidade com o intuito de promover novas territorialidades socioculturais educativas e, destacam as lutas por direitos sociais e culturais para a comunidade e grupos subalternizados.

Quadro 1: Atividades que promovem novas territorialidades nas comunidades da Rede Mar de Leitores.

Atividades que trabalham novas territorialidades
Agroecologia: onde ensinam a comunidade como cuidar da terra e do meio ambiente
Makerspaces: espaços para cozinhar; fazer artesanatos, e confeccionar diferentes objetos, e realizar oficinas de artes;
Rodas de conversa: com temas política cultural e direito à cidade e ao território;
Movimentos feministas: se dedicam em transformar seus territórios a partir da perspectiva do direito à literatura e do desenvolvimento de comunidades leitora;
Aulas interativas e atividades de informática: Grande relevância além de acesso à diversas fontes de informação, comunicação e contato com diversas culturas, o uso da tecnologia contribui para tornar o processo de aprendizagem mais efetivo, além de proporcionar a inclusão digital;
Oficina de capoeira: difusão da cultura por meio da capoeira, é um forte instrumento de integração social e recuperação da noção de cidadania além de ser um recurso pedagógico, artístico e cultural;
Distribuição cestas básicas para a comunidade;
Trabalho de conscientização sobre doenças: como por exemplo: COVID 19.

Fonte: Autoras.

O intuito das bibliotecas comunitárias citadas acima é ser um espaço de cultura e de convivência, que garanta a comunidade envolvida/ o acesso à leitura, à arte e à cultura, de forma que este seja um espaço vivo e dinâmico, além de um local de encontro ser um espaço que pensa uma dimensão de cultura voltada para a comunidade e valoriza a cultura das pessoas que estão no território.

A segunda rede a ser analisada é a Rede Jangada literária, criada em 2016, é um coletivo composto por 11 bibliotecas comunitárias, localizadas nas cidades de Fortaleza e São Gonçalo do Amarante, no Ceará. Os representantes das bibliotecas têm como objetivo a luta por políticas públicas voltados para a leitura; na promoção do acesso ao livro e na busca pelo direito humano. A rede foca, principalmente, "nos espaços de discussão em políticas voltadas para a criação e manutenção de bibliotecas comunitárias e no reconhecimento desses espaços como equipamentos culturais" no território em que estão inseridas. A rede Jangada Literária, visa proporcionar, por meio das ações, transformar a comunidade em um local de referência na formação do ser humano (REDE..., 2022c).

Ao realizar o levantamento acerca da localização das bibliotecas, verificou-se que estão em locais de área de ocupação; de pessoas que resistiram e não saíram de suas casas. Outras bibliotecas fazem parte da história de famílias que foram despejadas e foram obrigadas a se mudarem para lugares afastados da cidade, surgindo bairros novos, pois o bairro onde moravam foi destinado à elite da cidade. Por estarem em locais de vulnerabilidade social, as bibliotecas

atuam no "fortalecimento da identidade do bairro e desenvolvimento humano da comunidade" (REDE..., 2022d; 2022e; 2022f).

As bibliotecas participantes da Rede Jangada Literária estão inseridas em comunidades em situação de vulnerabilidade social e, as ações desenvolvidas buscam proporcionar a democratização do acesso à informação e à cultura (REDE..., 2022c).

As ações desenvolvidas junto à comunidade pelas bibliotecas da Rede Jangada Literária englobam: eventos literários; clube da leitura; mediação de leitura; oficina de teatro; kombi literária (leva contação de história nas escolas); café literário.

No quadro 2, listamos atividades desenvolvidas junto à comunidade com o objetivo de promover novas territorialidades socioculturais educativas e, as lutas por direitos sociais e culturais para a comunidade e grupos subalternizados.

Quadro 2: Atividades que promovem novas territorialidades nas comunidades da rede Jangada Literária.

Atividades que trabalham novas territorialidades
Seminários e atividades de enraizamento comunitário;
Tecendo memórias (histórias/memórias das pessoas do bairro);
Movimentos feministas.

Fonte: Autoras.

Uma curiosidade no site da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias é o aplicativo “Mapa da Leitura”, desenvolvido por jovens da cidade de Porto Alegre. Um aplicativo utilizado para conectar bibliotecas e a comunidade. Segundo a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (2022g), podem fazer parte do aplicativo bibliotecas comunitárias de todo o país, basta cadastrar seu endereço, informações e as atividades que desenvolvem. Assim, facilita à pessoa a encontrar a biblioteca mais próxima, fazer o contato e ir até o local conhecer o espaço. O aplicativo, também disponibiliza fóruns de discussão para as pessoas trocarem experiências.

Sabemos que o número de bibliotecas comunitárias existentes no Brasil é muito grande, a participação delas no Mapa irá auxiliar a localizar a biblioteca mais próxima de você.

O objetivo do aplicativo é “ampliar a visibilidade desses espaços de promoção de leitura, fortalecendo seu trabalho de formação de leitores” e, além de mapear as bibliotecas, o aplicativo

disponibiliza uma média quantitativa e qualitativa desses espaços no Brasil, o que contribui para a verificação de necessidade ou não de políticas públicas nessa área. E, também, estimula “a formação de novas redes de bibliotecas, a partir do trabalho conjunto e coletivo numa mesma localidade” (REDE..., 2022g).

Como ressalta Castrillón (2011), a biblioteca comunitária é um dispositivo de acessos a direitos, sendo, portanto, um equipamento cultural que está a favor da cidadania. São conjuntos estratégicos para melhorar a qualidade de vida da comunidade.

A pesquisa revela que as bibliotecas comunitárias estão presentes em cidades carentes de serviços públicos de cultura e educação de qualidade e, assim, os coletivos se organizam e criam os equipamentos culturais para apoiar o desenvolvimento da população que os cerca.

A partir das informações encontradas nos perfis das contas digitais das bibliotecas analisadas, percebeu que estas interagem de diversas formas produzindo conteúdos para promover o crescimento educacional, social e cultural e, também, ser um local que promove encontros que possibilita a luta pelo direito à leitura nesse contexto de exclusão social, elas surgem para ser espaços de resistência cultural e impactam de alguma forma no processo de formação dos grupos e comunidades envolvidas. Outro ponto importante observado é a organização e os laços de solidariedade entre os representantes das bibliotecas e a população que a utiliza.

Fica evidente que a localização das bibliotecas comunitárias é singular, onde “a territorialidade e a marginalidade urbana as definem”. E a criação deste equipamento cultural acontece em um “momento de ruptura dentro do cenário de extrema complexidade que marca a descontinuidade de um percurso previsto pelas classes dominantes” para as pessoas que moram em bairros periféricos (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2018). É um local que reflete os movimentos de resistência à exclusão social e luta por seus direitos e cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o levantamento netnográfico das atividades desenvolvidas pelas bibliotecas das duas redes de bibliotecas comunitárias estudadas, pode-se perceber que são espaços de formação e de reflexão da comunidade sobre seus direitos sociais.

Procuram por meio das atividades melhorar as condições de vida das pessoas que vivem naquele território, proporcionando cursos, oficinas que irão de alguma forma contribuir para o desenvolvimento das crianças, jovens e adultos das comunidades que se encontram em vulnerabilidade social.

Para a comunidade, as bibliotecas são espaços que lhes dão um suporte cultural e educativo. Segundo relatos lidos no levantamento, houve uma maior participação dos moradores, além de proporcionar mudanças na vida das pessoas. Um dos exemplos citados, foi de uma jovem que aprendeu a ler participando das atividades desenvolvidas pelas bibliotecas. Após a criação desses espaços culturais passou a acontecer um maior engajamento e socialização na comunidade.

A biblioteca comunitária é um território que fomenta uma cultura própria e ações socioeducativas que ampliam a capacidade de legitimação de seus grupos ao produzir suas próprias percepções, políticas, sociais e culturais sobre e para a cidade. Fazendo com que jovens e adultos busquem outras alternativas em meio a tanta violência vivida em alguns bairros e, para as pessoas que frequentam, é um espaço de potência política e social.

Com o intuito de discutir a indissociabilidade entre as dimensões da cultura e do território presentes em tais experiências, a pesquisa pode contribuir no debate sobre os desafios para a compreensão das práticas culturais na produção das cidades.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Wanderlaine Mara Loureiro de. **As bibliotecas dos centros culturais da prefeitura de Belo Horizonte: espaços públicos de cultura**. 2010. 194f. Dissertação (mestrado em Ciências da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

BRAGA, Adriana. Netnografia: compreendendo o sujeito nas redes sociais. *In*: NICOLACI-DACOSTA, Ana Maria; ROMÃO-DIAS, Daniela (Org.). **Qualidade faz diferença: métodos qualitativos para a pesquisa em psicologia e áreas afins**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO: São Paulo: Loyola, 2013.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Política Cultural no Brasil, 2002-2006: acompanhamento e análise**. Brasília: Ministério da Cultura, 2007. 220 p. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3245/1/cadvol2.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2022.

BURKE, PETER. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTRILLÓN, S. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do gato, 2011.

CAVALCANTE, Sheila Cristina Pinheiro. **O bibliotecário e as práticas socioeducativas e culturais em bibliotecas públicas do Cariri Cearense**. 2016. 118f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural: direito a cultura**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

CUNHA, Murilo Bastos da. Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. **Ciência da Informação**, v. 29, n. 1, p. 71-89, 2000.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Sobre a tipologia de territórios**. Disponível em: <https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/ruralidade/sobre-a-tipologia-de-territorios.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2021.

FERNANDEZ, Cida; MACHADO, Elisa; ROSA, Ester. **O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores**. Olinda: Centro de Cultura Luiz Freire, 2018.

FREITAS, Marília Augusta. **A biblioteca pública como agente de inclusão social: um estudo de caso da Biblioteca Demonstrativa de Brasília**. 2010. 132f. Dissertação (mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. 2004a. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2021.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004b.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais no nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, p.15-46, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: a arma secreta dos profissionais de marketing: como o conhecimento das mídias sociais gera inovação**. 2010. Disponível em: http://bravdesign.com.br/wp-content/uploads/2012/07/netnografia_portugues.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev. 2006. Disponível em: https://gpect.files.wordpress.com/2014/06/henri_lefebvre-a-produc3a7c3a3o-do-espac3a7o.pdf. Acesso em: 27 nov. 2021.

MACHADO, Elisa Campos; VERGUEIRO, Waldomiro. Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil. **CRB-8 Digital**, v. 3, n. 1, p. 3-11, 2010.

MADELLA, Rosangela. **Bibliotecas comunitárias**: espaços de interação social e desenvolvimento pessoal. 2010. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS. **A RNBC**. 2022a. Disponível em: <https://rnbc.org.br/a-rnbc/>. Acesso em: 29 abr. 2022.

REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS. **Rede de bibliotecas**: Mar de Leitores - RJ. 2022b. Disponível em: <https://rnbc.org.br/redes/mar-de-leitores/>. Acesso em: 29 abr. 2022.

REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS. **Rede de bibliotecas**: Jangada Literária - CE. 2022c. Disponível em: <https://rnbc.org.br/redes/jangada-literaria-ce/>. Acesso em: 29 abr. 2022.

REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS. **Biblioteca Comunitária Famílias Reunidas**. 2022d. Disponível em: <https://rnbc.org.br/biblioteca/familias-reunidas/>. Acesso em: 29 abr. 2022.

REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS. **Biblioteca Comunitária Jardim Literário**. 2022e. Disponível em: <https://rnbc.org.br/biblioteca/jardim-literario/>. Acesso em: 29 abr. 2022.

REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS. **Biblioteca Comunitária Criança Feliz**. 2022f. Disponível em: <https://rnbc.org.br/biblioteca/crianca-feliz/>. Acesso em: 29 abr. 2022.

REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS. **Mapa da leitura conecta bibliotecas comunitárias de todo o país**. 2022g. Disponível em: <https://rnbc.org.br/2020/11/30/mapa-da-leitura-conecta-bibliotecas-de-todo-o-pais/>. Acesso em: 09 maio. 2022.

SANTA-ANNA, Jorge. Trajetória histórica das bibliotecas e o desenvolvimento dos serviços bibliotecários: da guarda informacional ao acesso. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 13, n. 1, p. 138-156, 2015.

SERRAI, Alfredo. História da biblioteca como evolução de uma ideia e de um sistema. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 4, n. 2, p. 141-161, 1975.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. **Biblioteca como lugar de práticas culturais**: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil. 2007. 246f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.77-116.

SUAIDEN, Emir José. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. **Ci. Inf.**, v. 29, n. 2, p. 52-60, 2000.

UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**. 2002. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2022.

VASCONCELOS, K. T.; SILVA, M. C.; PEREIRA, M. 1 diagnóstico das Bibliotecas Comunitárias de Belo Horizonte. **Releitura**, n. 18, p.33-39, 2004.